

OLHAR DISTANTE, OLHAR DE CASA...

«LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL – O CÓDICE E O CINZEL»\*

LÉLIA PEREIRA DA SILVA NUNES

Nunes, L. P. S. (2008), Olhar distante, olhar de casa... «Luiz Antonio de Assis Brasil – O Código e o Cinzel». *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 17: 273-278.

**Sumário:** O artigo apresenta o documentário «O Código e o Cinzel» do cineasta piauiense Douglas Machado, o 4.º da Série «Literatura: Brasil» que retrata a vida e o universo literário do escritor gaúcho, de ascendência açoriana, Luiz Antonio de Assis Brasil.

No documentário, o olhar estrangeiro do cineasta nordestino focaliza o imenso pampa gaúcho traçando um paralelo com a literatura produzida pelo escritor, a qual desenvolve esse mesmo olhar.

Oferece uma reflexão acerca dos tópicos abordados a partir do «olhar distante e olhar de casa» destacando o vínculo afetivo e intelectual do escritor com o arquipélago dos Açores e sua gente, sendo ele um descendente dos casais açorianos que emigraram para o Brasil há 260 anos atrás.

Nunes, L. P. S. (2008), Looking from the outside, seeing it at home... «Luiz Antonio Assis Brasil – O Código e o Cinzel». *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 17: 273-278.

**Summary:** This paper presents the documentary “O Código e o Cinzel” produced by the brazilian filmmaker Douglas Machado from Piauí, it is the fourth of series Brazil Literature that portrays the way and literary universe of the writer from Rio Grande do Sul – Brazil, with azorean ascendancy, Luiz Antonio de Assis Brasil.

In the documentary, the abroad look of the filmmaker focuses the enormous region in south Brazil, called as “Pampas Gauchos” doing a parallel with the literature produced by the writer, which develops the same look.

It offers a reflection about the addressed topics from the “away look and home look” highlighting the link affective and intellectual with archipelago of the Azores and its people, being he a descendant of couples Azorean that emigrated to Brazil there 260 years ago.

Lélia Pereira da Silva Nunes – leliapsn@hotmail.com

**Palavras-chave:** Pampa, olhar estrangeiro, literatura, Açores.

**Key-words:** Pampa, abroad look, literature, Azores.

---

\* Mantém-se a ortografia brasileira.

*«Ao amanhecer percebemos como o pampa é enorme e ancestral.  
Vê-se sua perturbadora horizontalidade. (...)  
Há uma poderosa quietude neste chão, uma força em potência, fecunda e muda.  
(...) O infinito e o pampa confundem-se em meio à neblina do inverno.  
Tudo no pampa pertence a outra era.  
Nas horas melancólicas, em que o Sol inclina-se sobre o pampa,  
é como se olhássemos o mundo desde a outra vida. (...)  
A majestosa noite desce sobre o pampa.  
Surge a torrente luminosa da Via Láctea. (...)  
Se apurarmos os ouvidos, escutaremos a música celeste,  
privilégio de quem se perde na geografia do pampa.»*

Luiz Antonio de Assis Brasil in: «O Códice e o Cinzel»

Sul do Brasil, Porto Alegre, Praça da Alfândega, mês de outubro, primavera. Neste lugar único, onde no passado o cais do porto marcava o ponto de encontro do Rio Grande do Sul com o Brasil e o resto do Mundo, quando os jacarandás florescem, suas flores numa sinfonia de tons lilases caem em profusão, uma chuva de pétalas cobrindo como um tapete aveludado o chão da histórica Praça. É tempo de Feira de Livro, um dos mais importantes eventos culturais do País, a maior Feira Livros de céu aberto da América Latina.

As flores de jacarandá – numa simbiose com o colorido das barracas, o burburinho contagiante dos animados expositores, visitantes e escritores, compõem a paisagem e a Praça da Alfândega alcança o auge da sua beleza.

Este cenário inefável foi o palco da estréia nacional do documentário

«Luiz Antonio de Assis Brasil – O Códice e o Cinzel» do cineasta piauiense Douglas Machado, no dia 9 de novembro de 2007, no cinema do Santander, como parte dos eventos da 53.º Feira do Livro de Porto Alegre. Quarto documentário da Série «Literatura: Brasil» retrata a vida e o universo literário do escritor gaúcho, de ascendência açoriana, Luiz Antonio de Assis Brasil. Trata-se um projeto inédito, grandioso, uma realização da Trinca Filmes em parceria com o Instituto Dom Barreto, de Teresina, Piauí, que tem como propósito oferecer um painel da Literatura Brasileira contemporânea, enfocando escritores vivos, representantes das mais diferentes regiões do Brasil. E visa, sobretudo, levar o espectador a flunar pelo Brasil nas asas do imaginário criativo do cineasta Douglas Machado, a realizar uma viagem ao mundo literário do escritor, incentivando à leitura,

a conhecer aspectos e vivências do nosso País, a vasta cultura brasileira, rica, viva, manifestada de forma particular do Norte ao Sul do grande continente verde-amarelo.

Neste projeto, uma nova perspectiva cultural se impõe – a socialização do conhecimento, a prática da democracia cultural onde todos são portadores e fazedores de cultura. Uma cultura que fortaleça a liberdade individual e coletiva, consolidada pela gozo pleno da cidadania.

Entre os títulos já lançados pela referida série de documentários, de longa-metragem, estão: «H. Dobal – Um Homem Particular» (2002), que apresenta as memórias do poeta piauiense Hindermburgo Dobal, de sua cidade natal, Teresina e traça um olhar crítico sobre a descentralização da cultura no Brasil; «O Sertão mundo de Suassuna» (2003), sobre a vida do ficcionista, poeta, dramaturgo da cultura, Ariano Suassuna – «o decifrador de brasilidades» e «Marcos Vinícios Vilaça – O Artesão da Palavra» (2005) onde através de uma viagem de caminho desde São Miguel das Missões, no extremo Sul do Rio Grande até Olinda, Pernambuco, no nordeste, o diretor Douglas Machado trava um diálogo com o escritor Marcos Vinícios Vilaça e seu universo literário. Ao se debruçar na feitura deste quarto documentário dedicado a um escritor gaúcho, o cineasta piauiense, Douglas

Machado, o faz com um olhar vindo de longe, do nordeste brasileiro, da terra do babaçu e da carnaúba, da caatinga, do semi-árido serpenteado pelo Rio Parnaíba, das praias esmeraldas, quentes e areias alvíssimas, do Brasil tropical onde as temperaturas oscilam entre 18° e 39°. De uma região em que a pecuária também é tradição desde o século XVII e os costumes e a própria cultura popular, liga-se à terra agreste do sertanejo boiadeiro ao pastoril. Igual ao Rio Grande do Sul do Assis Brasil, do pastoril sulista, do gaúcho pilchado, da chama crioula da tradição, da imensidade do pampa e tão desigual. O olhar distante a comungar com o olhar de casa: frente a frente – os dois brasis: o do cineasta e o do escritor. De um lado, o narrador – o fio condutor da história e de outro, Assis Brasil – personagem de sua própria história.

No documentário, «o olhar estrangeiro» do cineasta nordestino focaliza o pampa gaúcho traçando um paralelo com a literatura produzida pelo escritor, a qual desenvolve esse mesmo olhar, como bem expressa Douglas Machado ao falar sobre a razão de fazer um filme sobre a vida e obra do escritor: «*acreditamos que sua literatura abraça, com maestria, o Rio Grande do Sul e seu passado histórico inserindo-o como pano de fundo de seus romances.*»

Entre parênteses fica a observação sobre o título «O Códice e o Cinzel» dado pela professora Léa Masina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e que está plenamente justificado por seu interesse pela História, seu cuidado em registrar com minucioso detalhamento os fatos históricos que circundam a trama do romance, acrescentando realidade aos personagens fictícios. Com a mão de mestre, usa do cinzel para esculpir cada personagem seja real ou ficcional, para desenhar com esmero o cenário, deixando fluir a emoção e o imaginário de cada um enquanto as vozes se fazem ouvir desde a quietude do pampa «enorme e ancestral» carregadas pelo vento minuano.

Escritor brasileiro, reconhecido e premiado, iniciou sua carreira com o romance «Um Quarto de Légua em Quadro» (já na sua 6.<sup>a</sup> edição) em que aborda a histórica saga açoriana por terras do Sul do Brasil, no século XVIII, mostrando que a mobilidade geográfica significou, também, um movimento do espírito, indomável, na reinvenção da vida no Novo Mundo, na conquista de sonhos e no desejo de realizá-los em terras do Brasil. Do lado de lá, o desenraizamento da terra açoriana fincada no Atlântico Norte e na margem de cá a nova raiz plantada e replantada, enraizada para sempre. Adaptado para o cinema (*O diário de um Novo Mundo*, de

Paulo Nascimento) este primeiro trabalho abriu a comporta de uma levada fértil e uma produção literária, vigorosa, estética, de grande expressão tomou conta primeiro do Rio Grande do Sul e depois do Brasil.

Além de retratar o universo literário do autor e sua história de vida, «O Códice e o Cinzel» faz uma reflexão sobre os temas que circundam as suas vivências e convivências como a Oficina de Criação Literária ministrada há mais de 20 anos na PUCRS, a magnitude do Pampa, a infância na cidade de Estrela, o dia a dia em Porto Alegre, o exercício da cátedra na respeitada PUC, a música de Mozart, a música brasileira do século XVIII e XIX, o Brasil, a sua íntima relação com os Açores. Somam-se os inúmeros depoimentos de colegas, escritores, alunos e ex alunos, amigos e familiares que em diferentes momentos dão sustentação e enriquecem a narrativa. Apresenta imagens gravadas no Brasil, Portugal (Lisboa e a Ilha de São Miguel, Açores) e Espanha (Madrid).

Nas primeiras cenas do documentário, o espectador sente de cara o impacto da beleza e da imponência da região do Pampa. Em cena aberta imagens pampeiras de indescritível magnitude sucedem-se e a figura serena do escritor integra o cenário. Sua voz num tom emocionado, numa suavidade infinita, se faz ouvir falando sobre

a força telúrica do pampa e os seus múltiplos significados num diálogo com o diretor Douglas Machado. O documentário ganha força e se agiganta a cada capítulo exatamente por sua narrativa ser conduzida com dinamicidade, num andamento tranquilo, contido, simples, didático. Sem pressa vai abrindo porteiros, portas e portais como se tivesse todo o tempo do mundo, apresentando o homem Assis Brasil e sua relação com o meio em que vive seu universo literário e os seus registros de memórias e afetos. Em mais de duas horas de filme, um desfile cuidadoso de imagens e de conteúdos dão conta da cumplicidade que envolve o cineasta e o escritor na transposição para a tela de seus olhares como nas cenas gravadas na Igreja Nossa Senhora da Conceição de Viamão (RS) em que se refere aos seus antepassados açorianos chegados no século XVIII e que recriaram aquele ambiente de fé. Num relato comovente diz *«sinto que sou parte deles, dos meus antepassados, dos meus avós, das pessoas que viveram as minhas lembranças, filhos da primeira geração de açorianos»*. O templo carrega um duplo significado: ser o elo com os antepassados e ter sido palco de seu romance *«Manhã Transfigurada»*.

Nesta altura, do documentário exsurge o regressar às raízes e Douglas Machado com maestria faz a viagem

«de regresso» à Ilha de São Miguel enquanto Assis Brasil passa a narrar o que significa os Açores em sua vida, mesmo não sendo um açoriano. Mas, ali se sente em casa e tem grandes amigos. Aliás, enfatiza este sentimento de pertença. Desde a primeira viagem ao arquipélago é como se fosse «o filho que regressava», de sentir voltando depois de uma longa ausência de 250 anos.

Os depoimentos de seus amigos açorianos falam desse vínculo afetivo e fraterno e da importância da sua obra, dos seus estudos sobre a Literatura Açoriana, nomeadamente da narrativa pós-25 de Abril reconhecida nos testemunhos de Daniel de Sá, Joel Neto, Carlos Tomé, Urbano Bettencourt e Vamberto Freitas.

Douglas Machado levou seu olhar estrangeiro ao Rio Grande do Sul do Assis Brasil. Seguiu adiante ao encontro das raízes açorianas unindo como num abraço gostoso as duas margens do Atlântico. Foi preciso fazer os caminhos do mar como fizeram os nossos antepassados por distantes geografias e latitudes. Foi preciso atravessar esta grande ponte de afetos para partilhar histórias, identidades culturais comuns, descobrir os Açores e sua gente para coroar *«O Códice e o Cinzel»* em consonância com o seu objetivo precípua.

Só lá, em meio ao Atlântico Norte, pode entender que o «olhar de casa»

do Luiz Antonio de Assis Brasil é alargado, para além do horizonte gaúcho, alcançando os Açores. Não é um «olhar do outro» e muito menos «olhar distante», como afirma escritor açoriano Vamberto Freitas em seu depoimento ao cineasta piauiense: «*Quando ele chega cá, quando participa no nosso mundo cultural creio que ninguém o pensa como vindo do exterior, faz parte de nós. É um estudioso nosso. Não vive cá, mas é nosso. E ainda por cima se identifica como açoriano. Eventualmente, a*

*única diferença entre Assis Brasil e nós é 'o sotaque' e nem tanto...».*

O documentário O Códice e o Cinzel apresenta «um olhar distante e de casa» sobre a nossa realidade cultural, sobre a realidade do escritor gaúcho Luiz Antonio de Assis Brasil e ela necessariamente inclui os Açores que «*sentem-se bem mais universais, muito menos ilhas e bastante mais arquipélago agasalhado entre os continentes que lhe são família*» (Onésimo T. Almeida, 2003, p. 12).

## BIBLIOGRAFIA

ASSIS BRASIL, L. A. (2004), *Escritos Açorianos, A Viagem de Retorno*. Lisboa, Salamandra.

ASSMANN, M. (2006), *História que Constrói Histórias*. Gazeta Mix, in «Jornal Gazeta do Sul», Ano 62, n.º 401, edição de 10/5/2006. Santa Cruz do Sul.

COSTA, M. (2006), *Cineasta realiza documentário sobre Assis Brasil*, in Via Com.br.

JORNAL DO COMÉRCIO (2007), *Diretor do Piauí faz Documentário sobre Autor Gaúcho*. Edição de 8/11/2007, Porto Alegre.

Site: [www.amplanet.com.br](http://www.amplanet.com.br)